

Redacção, Administração, Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras. — Não se devolvem os originaes. — Dos arti-
gos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS ALVARO COSTA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Inclui o envio postal mensal.
Lisboa, 950; Provença, 3 meses 2500;
Africa Portuguesa, 6 meses 3000; Itália 4000;
5 meses 11000.

QUARTA FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2160

O Banco de Portugal — eis o falsificador e o Angola e Metrópole é o seu cúmplice. Todos mergulharam na lama, todos se atascaram, todos se encheram! Só o povo que trabalha e não negoceia, continua a ser burlado. Só o país ficou mais depauperado!

Com orgulho o afirmamos: nesta questão do Angola e Metrópole só um jornal existe em Lisboa que nela pode intervir com eficácia. Esse jornal é a *Batalha*, que não tem atrás de si interesses obscuros e inconfessáveis a defender, que não tem pelos homens do Angola e Metrópole mais consideração do que a que dispensa aos do Banco Nacional Ultramarino ou aos de outra qualquer entidade financeira.

Os outros jornais, salvo raríssimas excepções, não se batem pela Verdade e pela Justiça, como pretendem fazer acreditar ao povo ingénuo, batem-se por interesses tão reles, tão baixos como os daqueles que atacam.

Se combatem o Banco Ultramarino, a casa Burnay, a firma Onseca Santos & Viana, esquecem-se lamentavelmente de apontar como bandidos da finança os Alves Reis, os José Bandeira, a gente do Angola e Metrópole. Se, porém, contra estes dirigem os seus dardos «redentores», como o vem fazendo o *Século* neste momento, *olvidam*, coitados! as burlas do Banco Ultramarino e respectivos satélites.

A *Batalha* não está nos casos da restante imprensa, não vive de expedientes reles, não cultiva a *chantage*. Onde vê uma chaga, cauteriza-a. Onde encontra um pântano, esforça-se por aterr-lo. A *Batalha* vive apenas do proletariado — e o proletariado não pertence à finança que o arruína, senão como objecto de exploração, senão como vítima que o carrasco, a alta banca, impiedosamente abate. Os interesses de A *Batalha* são os interesses do povo trabalhador, o eterno burlado. Por isso este órgão da miséria é quando ergue a sua voz, o único, o verdadeiro intérprete da vontade do país.

Não atacamos apenas o Angola e Metrópole, agora envolvido num escândalo formidável ao qual estão ligadas algumas, muitas das individualidades de maior renome político. Atacamos a finança em globo. Mostrando os poderes dos criminosos da alta banca, não poupamos os seus aliados de importante categoria social — não temos interesse nisso. O nosso interesse é um só: descobrir a Verdade. Eis porque não acreditamos na loucura do sr. Pinto Magalhães quando ele mandou prender o sr. Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal. Se prenderam o

Alves Reis por suspeita de burla (porque, na mesma ordem de ideias, não haviam de prender esses altos funcionários do Banco de Portugal sobre quem recaem hoje as suspeitas — esta é a verdade — de um país inteiro?)

A moralidade da campanha do órgão das forças vivas

Temos estado à espera, a ver serenamente o desenrolar dos acontecimentos. E não temos perdido o nosso tempo. Sabemos quais eram os fundamentos, as razões da campanha do *Século* que vem cantando vitória julgando que o povo acredita no seu desinteresse e na sua honestidade (nós lhe cantaremos a vitória); temos anotado por outro lado tudo quanto se refere ao caso do Angola e Metrópole. Nesta luta de galos desavindos, que pretendem fazer-se passar por leões nobres e audazes, nós temos sido, em silêncio, observando com atenção para intervir no momento oportuno, os únicos juizes da confiança popular.

Vimos surgir a primeira fase da campanha do *Século*, quando este à falta de outro fogo de efeito, agitava, como novos, os velhos perigos e ameaças que pairam sobre as colónias portuguesas; descobrimos-lhe o jogo nessa ocasião. Vimos aparecer a sua exaltada campanha contra o Banco de Angola e Metrópole, a quem acusava de possuir capitais alemães destinados a absorver a província ultramarina de Angola. E descobrimos-lhe o jogo nessa ocasião; denunciando ao público que essa campanha favorecia o Banco Ultramarino que, a despeito de vir arruinando impune as colónias ainda não mereceu do *Século* uma campanha tão ruidosa como a do Angola e Metrópole.

Vimos surgir a campanha contra o vernal Nuno Simões e logo compreendemos que não se tratava de uma campanha de moralização, mas dum conflito de interesses. E' que Nuno Simões afecciona a certas empresas coloniais financiadas pelo Angola e Metrópole, era um rival do Ultramarino e da casa Burnay a temer na imprensa, no governo e no parlamento.

Era esta — e é ainda — a moralidade do alarido que o *Século* vem provocando contra o Angola e Metrópole. Favoreceram os objectivos pouco escrupulosos do órgão das forças vivas os

escuros negócios do Angola e Metrópole, o carácter sinistro de alguns directores desta empresa financeira, tão tenebrosa nos seus desígnios como qualquer outra empresa financeira. Nada se parece mais com uma empresa financeira do que outra empresa financeira.

Onde está, afinal, o oiro alemão? — Notas falsas que não são falsas

A descoberta das chamadas notas falsas encheu de regosijo aquele jornal. Com tão valioso trunfo na mão a partida estaria ganha.

E o *Século* abandonou imediatamente as patocaadas inconsistentes do ouro alemão e dos perigos internacionais que ameaçavam as colónias, para se agarrar às notas falsas, para desacreditar por completo os rivais das empresas financeiras suas amigas (Ultramarino, Burnay e outros).

Mas o pior é que as notas não são falsas. Vieram os representantes da casa Waterlow & Sons, Limited, examinaram-nas escrupulosamente e verificaram que haviam sido fabricadas nas suas oficinas. Quem encomendou notas? O Angola e Metrópole? Não, porque este banco não tinha categoria, nem poderes legais bastantes para cunhar moeda. Só o Banco de Portugal as poderia ter encomendado.

Um aumento clandestino de circulação fiduciária

Estamos em face, pois, de um aumento de circulação fiduciária clandestino lançado, sem as respectivas autorizações, no mercado nacional.

E', pois, o Estado que burla o país, restando apurar com nitidez que interferência tiveram os burlões do Angola e Metrópole nesta questão.

O escândalo que o *Século* provocou é tão grande que ele próprio já o teme. E' que a lama vai atingir pessoas altamente situadas na sociedade portuguesa, que o *Século* pretende poupar. As notas não são falsas — as notas são do Banco de Portu-

gal. Agora a grande imprensa começa a fazer romances admitindo a hipótese de que a sua encomenda foi feita à casa Waterlow com documentos falsificados, sem o conhecimento do governador do Banco de Portugal e de outras criaturas que, tudo leva a crer, estejam implicadas nesta burla formidável. Mas a opinião pública lê nas entrelinhas e já murmura com consigo a fulminante verdade: O Banco de Portugal é o falsificador e o Angola e Metrópole o seu cúmplice.

A loucura de Pinto de Magalhães era absolutamente lúcida...

Não estava, portanto, louco ou exaltado o dr. Pinto de Magalhães quando prendia os srs. Inocêncio Camacho e dr. Mota Gomes, respectivamente governador e vice-governador do Banco de Portugal. Aquelle funcionário da polícia puzera o dedo na ferida e o seu gesto lançou sobre a questão jorros de luz. Inocêncio Camacho e Mota Gomes, Lobo de Avila e todos os que dirigem o Banco de Portugal são as cabeças do tenebroso plano. Se os seus cúmplices do Angola e Metrópole estão na cadeia, porque não estão também os cabeçalhas?

Se o governo e a direcção do Banco de Portugal não souberem até quanto ia a existência das chamadas notas falsas (poderia ser uma falsificação de milhão de contos!) não teriam ordenado, excepcionalmente — o que nunca se fez — com prejuizo tremendo para o Estado, a troca de todas as notas que apparecessem. Se o governo e a direcção do Banco de Portugal não estivessem no segredo, no âmago da burla não teriam com tanta confiança e prontidão recebido as notas que muito bem sabiam não serem falsas.

O escândalo tem mais ramificações de que amanhã continuaremos a tratar. Por hoje, leitor, que trabalhas, que te esfalias dia a dia para angariar o escasso pão que mal te alimenta, basta que saibas que a finança é, toda ela, exploradora e corrupta, e que se os dirigentes do Angola e Metrópole, que estão na cadeia, são burlões, os outros, os que se governam nos outros bancos com a cumplicidade de governos e políticos são igualmente miseráveis.

Sobre as garantias individuais em Portugal

E' sob este título que o nosso amigo e colaborador dr. Da Cunha Dias, no 1.º número do sr. interessante panfleto *O Cadastro*, dedica à *Batalha* uma carta em que, juridicamente, escarpelisa o arbitrio que reveste o internamento no Manicómio Bombarda de Boaventura Chaves da Costa Barbosa, aquele pobre rapaz a quem A *Batalha* se referiu na desenvoltura reportagem que fez da visita dos seus redactores àquela «casa de saúde».

Eis a carta:

Meu amigo — Conta A *Batalha* no numero de 25 de novembro a trágica odiseia de um pobre rapaz de vinte anos há quatro internado por um tio, dr. António de Oliveira e Castro, no Manicómio Bombarda.

E nesse artigo, v. meu caro Santos Arranha, refere-se ao decreto de 11 de maio de 1911, que de facto ainda regula a admissão e o internamento em manicómios do nosso país.

Disse, de facto, não de direito, porque o decreto de 11 de maio de 1911 — como tudo é bizarro em Portugal! — aplica-se, mas está revogado.

Foi revogado pela Constituição da República, promulgada em 21 de agosto de 1911, que no n.º 35 do artigo 3.º determina:

«Fora os casos expressos na lei, ninguém ainda que em estado anormal das suas faculdades mentais, pode ser privado da sua liberdade pessoal, sem que preceda autorização judicial, salvo caso de urgência devidamente comprovado e requerendo-se imediatamente a necessária confirmação judicial.»

Ora os casos expressos na lei, única excepção à regra que o número 35 do artigo 3.º da Constituição estabelece, são enunciados, taxativamente, no n.º 16 do mesmo art. 3.º, que assim reza:

«Ninguém poderá ser preso sem culpa formada, a não ser nos casos de flagrante delicto e nos seguintes:

«Alta traição, falsificação de moeda, de notas de Bancos nacionais e títulos da dívida pública portuguesa, homicídio voluntário, furto doméstico, roubo, falsificação fraudulenta e fogo posto.»

E' esta a legislação em vigor. Contudo applica-se o revogado decreto de 11 de maio de 1911, que no seu artigo 33 elucida podem as admissões em manicómios ser promovidas, mediante um simples requerimento: 1) pelos próprios doentes, 2) pelos cônjuges, 3) pelos pais, 4) pelos filhos, 5) pelos tutores, 6) pelos parentes, consócios ou amigos, 7) por estranhos.

Ora nem uma lei, quanto mais um decreto, pode modificar, revogar a lei fundamental dum país — a sua Constituição.

De resto, v. tão bem o sabe como eu, a lei nova revoga a lei velha. O decreto é de 11 de maio de 1911, a Constituição é de 21 de agosto do mesmo ano, a lei nova revoga a lei velha, logo o decreto foi revogado pela Constituição, naquelas disposições que ofendem os princípios na Constituição sagrados.

Mas o decreto applica-se, mantem-se, e v. meu Amigo, poz o dedo na ferida, porque é uma abundante fonte de receitas para os directores de manicómios.

Nenhuma formalidade o decreto de 11 de Maio exige; basta um simples requerimento em papel selado, com a assinatura reconhecida. Nada mais!

E, sendo tão simples e tão fácil internar uma criatura qualquer dentro de um manicómio, para que v. avalie quanto é fácil também a prática de um crime, e muitos se consumam e ficam impunes, desdobro ante os seus olhos este esquemático resumo das disposições do título IV do famigerado decreto de 11 de Maio:

«Qualquer pessoa pode requerir o internamento de outra num manicómio (art. 33.º);

«e, mediante esse simples requerimento, essa pessoa é internada (§§ 1.º e 2.º do art. 35.º);

«depois, se dois médicos subscreverem um atestado afirmando que o internado padece de loucura (art. 35.º § 2.º, art. 36.º n.º 1 e 2);

«é mantido o internamento até que os médicos do manicómio, por concordância de votos, resolvam o contrário (§ 2.º do art. 42.º);

«ou a pessoa que requereu o inter-

namento resolva requerer a saída (art. 41.º).

«Durante o período de internamento que, sem atestado médico, pode ir até 15 dias (cit. art. 35.º § 1.º);

«o pretensão louco não pode receber ninguém sem que o requerente de seu internamento — (pode ser um estranho até!) o autorise (§ 1.º do art. 44.º);

«e a sua correspondência pode ser inutilizada (art. 45.º).

Os comentários esmorecem.

Arrancada uma criatura, sem que saiba por quem, à sua vida e atirada para a cela de um manicómio, quando o mais elementar respeito pelas garantias individuais deveria facilitar as possibilidades de uma ampla defesa, são-lhe cercadas todas as liberdades, até mesmo a correspondência. E, entretanto, o seu adversário poderá livremente acumular provas, desacreditá-lo...

Isto no terreno das hipóteses, porque na prática o caso é mais simples. Não é necessário juntar provas nenhuma. São suficientes e plena prova umas notas de banco.

Para que as disposições do decreto de 11 de Maio não constituíssem mais do que uma problemática ameaça suspensa sobre a liberdade de cada um e não fossem, como são, um perigo constante e iminente, seria necessário que os directores de manicómios aliassem a uma moral de grande relevo, raros e superiores qualidades mentais. Não condicionam estes predicados os directores dos manicómios portugueses. Conheço todos.

De maneira que, meu caro Santos Arranha, o nobre altruísmo que ditou o seu artigo não se traduz numa vantagem, nenhum benefício dele resulta para o pobre rapaz, tão novo e tão desgraçado, que lho inspirou.

Talvez que v., querendo salvar essa criança da desventurada miséria em que se encontra, o possa fazer, prestando também o assinalado serviço à liberdade em Portugal de abrir um precedente.

O mesmo já citado art. 3.º da Constituição da República dispõe no seu número 36.º:

Toda a pessoa internada ou detida num estabelecimento de alienados ou em cárcere privado, assim como o seu representante legal e qualquer parente ou amigo, pode, a todo o tempo, requerer ao juiz respectivo que, procedendo às investigações necessárias, a ponha imediatamente em liberdade, se for caso disso.

E como me parece que se trata de um caso disso, a única solução é intervir judicialmente.

Prestaria v. Santos Arranha, um relevante serviço se conseguisse levar a bom termo tal intervenção. Era um exemplo, e a propaganda do exemplo é contagiosa.

Não esqueça v., porém, meu amigo, que nesta hora que passa a corrupção é geral, e que estão igualmente contaminados juizes e psiquiatras.

Não o esqueça, quer dizer, lembre-lhes sempre na *Batalha* em fortes safaões os cumprimentos do seu dever.

Nesta sociedade apodreada poucos são os que têm vergonha, mas ninguém gosta que o divulguem, pretendem todos fazer-se passar por pessoas de bem.

Não confie, pois, meu amigo, na virtude do papel selado. Pode ser decisivo se for bem amparado.

Há, felizmente ainda, juizes integros, mas são poucos, e como quem se encontra na desgraçada situação desse pobre rapaz não dá mostras de muita sorte, poucas probabilidades tem de encontrar no seu caminho um desses raros, antiquados espécimes de magistrados portugueses.

Posto o que, convém dilucidar, que existe um processo seguro de resolver estas anormais situações — a fuga.

Processo eficaz e radical. Sei-o por experiência própria.

Mas agora, depois do artigo de A *Batalha*, não lhe vejo probabilidades. Houve uma precipitada inversão dos termos: — primeiro a fuga, depois o artigo.

Assim fiz quando, aqui há nove anos, me atiraram para o Manicómio do Telhal, e quinze dias passados me transferiram, rombo e cambaleante, para o Manicómio Conde Ferreira, no Porto, sob a tremenda acusação de padeecer de loucura... lúcida, perigosa e incurável.

Primeiro saí-me, e depois então escrevi alguns artigos, esclarecendo o que era o

NOTAS & COMENTÁRIOS

Convém registar

O leitor devia ter reparado já neste contraste flagrante: os presos operários apodreem nas esquadras imundas, só porque sobre eles impende a irrisória suspeita de todos terem tomado parte num atentado.

Os homens do Angola e Metrópole, contra quem se têm feito acusações tremendas, encontram-se rodeados de todas as comodidades e, quando interrogados, afirmam com energia, mesmo com insolência a sua candura... Se um operário se defende com mais veemência dum acusação é brutalmente espancado, quando não assassinado a tiro, durante a noite, ao voltar dum esquadra. Verifica-se, pois, uma vez mais que os que têm dinheiro — mesmo que esse dinheiro seja considerado falso — possuem ali na própria adversidade maiores confortos e regalias do que os párias que vivem apenas do produto do seu esforço honrado.

Compreende-se...

Todos estranharam, principalmente os que raras vezes têm na sua mão uma nota de quinhentos escudos, a facilidade e a prontidão do Banco de Portugal em trocar as chamadas notas falsas de meio conto. Era ridículo, sempre que naquela casa bandeira aparecia algum papel moeda falsificado, o empregado aplicar-lhe imediatamente um carimbo com esta palavra: «Falso». Quando há tempos se descobriu as miseráveis notas falsas de tostão, a Casa da Moeda não as aceitava — prejudicando muita gente de fracos recursos que raras vezes na vida vê notas de quinhentos escudos. Mas parece que está explicada a gentileza do Banco de Portugal para com os portadores das chamadas notas falsas. O Banco não trocava dinheiro falso, trocava apenas o que lhe pertencia.

Gomes Leal

Realiza-se amanhã no cemitério do alto de São João a inauguração do mausoleu a Gomes Leal, o grande poeta que passou a última parte da sua vida no meio da maior miséria. Como sempre a «pátria reconhecida» lembra-se muito das glórias nacionais, erguendo-lhes mausoleus e estátuas, depois de as ter deixado morrer de fome. Tal pai, tal filho...

O sr. Cunha e Costa foi sempre um salimbanco que andou de candelas às avessas com a vergonha, tem um filho que é da mesma fôrça. Entre o pai e filho há duas diferenças: a de idade e a de inteligência.

O filho disse ontem ao parlamento que as deportações foram feitas legalmente. Mentiu. O rapazinho seria capaz de o fazer se tivesse em Africa alguma pessoa de família deportada nas mesmas condições das que se encontram na Guiné? Ou não fosse filho de quem...

12 horas...

Alves dos Reis, o «cabeça de turco» do escândalo das notas, solicitou à polícia que lhe concedesse 12 horas de descanso devido à grande fadiga dos interrogatórios, no que foi atendido.

Confrontemos: a outra categoria de presos — que não são banqueiros nem se atacam em milhares de notas do banco — muito outro é o tratamento que a polícia lhes dá. Alguns sofrem sete meses seguidos num calabouço infecto, tuberculizando-se, espedrando sangue, sujeitos a interrogatórios inquisitoriais, arrancados brutalmente ao melhor do sono e, o que é bárbaro, canibalescamente agredidos pelos agentes inquiridores e... inquisidores.

Não se supunha que apetececos este tra-

decreto de 11 de Maio, que foram reunidos no men livro — «Sobre um Decreto».

Mas o seu artigo na *Batalha* causou uma inversão dos termos, e todas as cautelas são poucas.

Outro tanto se não passa com o processo que adoptei. Nesse é tão seguro e certo o êxito que hoje sou ininterrupível.

A não ser que Deus faça o milagre de me curar desta incurável loucura lúcida, de que padeço desde a nascença, dando-me o que nunca tive — juízo. Mas... não acredito que Deus faça o milagre.

Nem eu, nem eles, os psiquiatras! Lisboa, 25-11-1925. — Amigo de sempre, Da Cunha.

tamento desumano quem quer que seja não: o que nós entendemos é que, muito embora sendo os presos brutalizados o efeito e os bem tratados a causa, o tratamento daqueles deve ser igual ao destes.

12 horas de descanso... estamos já a ouvir a resposta que a polícia dá a qualquer operário preso que tal solicitasse...

A Granel...

O leitor devia ter estranhado ontem o truncamento do artigo que em primeira página publicamos sobre um caso de suposta loucura e o estranho enxerto que fechava o artigo ao lado, que se referia à morte de António Maura. Simples desvio de granel, caro leitor, fácil por se tratar dum António e dum António.

Precedos a que não está sujeito quem em vez de lidar com graneis lida com notas... «falsas», do banco.

A Comissão pró-regresso dos deportados activa os preparativos da manifestação do próximo dia 21

Como é já do domínio público, o Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho, resolveu que o protesto a realizar junto dos poderes constituídos, se efectue na próxima 2.ª feira 21 do corrente, manifestação essa que visa a obter que os deportados iniquamente mandados para a Guiné e Cabo Verde regressem imediatamente a Lisboa onde deverão ser postos em liberdade ou julgados, caso tenham processos e estejam pronunciados; que aos presos que se encontram nas diversas esquadras da polícia e entregues a esse novo «poder» da república sejam, como aos primeiros, facilitadas todas as defesas contidas nas leis.

Após o 18 de Abril, dois decretos foram publicados, um, o que afastava do exército os oficiais que nessa tentativa tinham tomado parte, outro, o que autorizava o governo a deportar para qualquer comarca aquelas pessoas que aos governos, não conviesse em Lisboa.

O primeiro decreto depressa foi anulado — os seus efeitos pelo menos — porque brigava com criaturas que com os governos mantêm amistosas relações de toda a espécie, embora se finjam divididos, perante as diversas políticas que professam, o outro decreto, esse mantem-se na íntegra, no papel e nos seus efeitos e é a sombra deste mostro, que colide até com a própria Constituição, que se encontram na Guiné e Cabo Verde diversas criaturas definhadas de se a tal ponto que muitos deles ficarão para sempre arruinados, se antes disso não morrerem, como já aconteceu a cinco.

E o que representa a manutenção desse decreto que tem o número 10.773, de 19 de Maio de 1925?

Representa que o governo adoptou a luta de classe, isto é, a melhor maneira de ter à mão uma arma que fira a classe operária, embora isto seja anti-jurídico, porque o já famoso decreto vai contra o que estabelece a própria N. R. J., que não concede a ninguém o direito de deportar quem quer que seja, sem que se encontre já julgado por tribunais regulares!

Mas há mais: se o decreto 10.773 facilitou ao governo o deportar qualquer criatura para comarca diferente, como é que se deportou para a Guiné e Cabo Verde, quando é certo que o citado decreto não fala em Africa?

Parcece que a expressão «comarca diferente» se deu uma elasticidade maior do que aquela — que realmente o decreto contém!

E', pois, para que terminem estas e outras anomalias, feitas com o propósito de ferir operários com requintado espírito de classe, o que é contrário ao princípio de democracia em que assenta o regime, que se vá realizar a manifestação ao Parlamento.

Reclama o operariado em geral, o regresso dos deportados e seu julgamento em Lisboa, visto que a lei deve ser igual para todos.

Vai, pois, o operariado de Lisboa no dia 21 vincular o seu protesto. Ele terá que ser

A barbarie dos linchamentos nos U. S. A.

Damos hoje à estampa, transcrito do jornal brasileiro *Correio da Manhã*, um interessante artigo sobre os horrores dos linchamentos de negros nos Estados Unidos da América do Norte.

Estas barbaridades devem ser conhecidas em todo o mundo para um protesto universal acabe de vez com aquelas ferocidades, que nos obrigam a envergonhar-nos de pertencer à raça humana.

Eis o artigo:

No seu primeiro suplemento domingueiro deste mês deu o *Correio* noticia detalhada de uma representação dirigida ao presidente da «Liga contra o crime», dos Estados Unidos, pela Associação Nacional «Protectora da Raça Negra», reclamando providências contra os linchamentos, de que, ali, são mais frequentemente vítimas pessoas da aludida raça. Afirma a representação que tais execuções sumariíssimas têm aumentado no Estado de Missouri, ficando absolutamente impunes as cometidas nos anos de 1923 e 1924.

A quem conhece, pouco mais ou menos, a questão — infelizmente ainda insolúvel — dos linchamentos na grande república, causa pasmado uma circunstância, assinalada na representação: — o recrudescimento de tais selvagens no Estado de Missouri. Pelo que se sabia até agora, não era dos mais infelicitados pela applicação da chamada «lei de Lynch». Na estatística dos linchamentos de 1920, vemos figurando o Missouri com um só caso; na de 1921, não é maior a sua lamentável contribuição para a maior mancha da civilização norte-americana. No alto das duas listas figuravam, naqueles dois anos, os Estados de Mississippi, Georgia, Texas e Alabama. Em 1920 houve nove casos na Georgia e sete no Mississippi; em 1921, foram 14, na Georgia, 13, no Mississippi, 6 no Texas: — no Alabama tinham sido 7 no ano de 1920.

Para, desde logo, se ajuizar acerca da significativa preferência conferida aos homens de cor como vítimas dos justicamentos aludidos, basta notar que nos treze factos de Mississippi, em 1921, só morreu um branco, e nos 14 de Georgia, nenhum...

Feitas estas breves considerações, baseadas em estatísticas oficiais, manifestemos nossas dúvidas no tocante à eficiência do justíssimo reclame da «Associação Nacional Protectora da Raça Negra». Tudo leva a crer que, mesmo obtida legislação especial contra os linchamentos, em certos Estados norte-americanos, as autoridades subalternas, identificadas com o preconceito popular dos brancos, não defenderão eficazmente, seriamente, os da raça negra contra as execuções arbitrárias, deliberadas pela turba enfurecida.

Em primeiro lugar, baseia-se o nosso pessimismo na persistência da depravável usança depois dos ensinamentos da chamada «conflagração mundial». Tudo fazia supor que, deante do comportamento dos homens de raça negra por aquela ocasião e da inevitável mistura deles com os da outra raça na labutação industrial interna, diminuindo, como devia diminuir, a prevenção étnica, escasseassem os linchamentos, os quais, como vimos, são geralmente praticados por motivo da mesma prevenção. Toda gente sabe que os representantes da raça negra nos Estados Unidos, longe de aceitar os perigosos conselhos germânicos, ajudaram grandemente a sua pátria para eles, muitas vezes terrível madrastra e não mãe carinhosa) na defesa da honra nacional. Deram milhares e milhares de homens.

Destes perto 400.000 foram mobilizados, tendo embarcado para a Europa, em electivos serviços de guerra, uns 100.000.

O que eles fizeram, a maneira pela qual pagaram o seu tributo de sangue, já pertence à História: foi mais uma demonstração do lealismo e da generosidade da raça negra.

Por outra parte, a intensa e nunca vista colaboração deles com os brancos nas oficinas, nas fábricas e nos serviços públicos,

grandioso para que possa resultar qualquer coisa de salutar nos objectivos que essa manifestação visa.

A Comissão pró-regresso dos Deportados julga ter cumprido por agora o seu dever, o operariado já o demonstrou também acordando às sessões e conferências já realizadas. Resta, pois, que nesta «étape» a realizar na próxima segunda-feira, 21, ele saiba responder de tal forma que esse protesto resulte a satisfação dos nossos objectivos, que são já hoje os objectivos de todos os

em razão das necessidades da guerra, pareça a hipotese de que a sua encomenda foi feita à casa Waterlow com documentos falsificados, sem o conhecimento do governador do Banco de Portugal e de outras criaturas que, tudo leva a crer, estejam implicadas nesta burla formidável. Mas a opinião pública lê nas entrelinhas e já murmura com consigo a fulminante verdade: O Banco de Portugal é o falsificador e o Angola e Metrópole o seu cúmplice.

Perdura a tremenda oposição dos brancos aos de cor; e — o que assombra — o próprio uniforme militar dos escapos da morte, não livrou alguns deles, voltando à pátria, das torturas ignominiosas do linchamento. Em 1918, entre os assassinados praça pública por multidões de gente branca amotinadas sem motivos graves, estiveram dois soldados, vindos dos campos de batalha da Europa...

Diante disto, sente-se a dificuldade de modificar o pensamento e o sentimento colectivo, tornando exequíveis as leis que forem decretadas contra os linchadores.

Mas não é tudo. Depararão os administradores de certos Estados outro empecilho e não menor: — a inércia proposital dos seus subalternos. O procedimento deles é expressivo de verdadeira cumplicidade nos linchamentos.

Senão, vejamos, para exemplificar, em que condições se realizam algumas dessas monstruosidades.

A 20 de dezembro de 1920, perto de Nodena, no Estado de Arkansas, um homem de cor praticou duplo homicídio em pessoas brancas.

Era, segundo

TEATRO
S. CARLOS
O PRINCEPE JOÃO
HOJE
às 9 1/4 da noite
Espectáculo sensacional
Admiráveis criações de
LUCÍLIA SIMÕES
e **SAMUEL DINIZ**

Na Austria, os cães ameaçam desencadear uma revolução

De Viena de Austria dizem-nos que a população se acha dividida em dois grandes partidos assombrados, por virtude da existência faustosa dos cães. A igreja, como é lógico em assunto tão melindroso, também interveio, pois o arcebispo Piffel verberou asperamente os cuidados luxuosos de que gosam os cães, enquanto se desprezam para a miséria humilde das crianças do povo.

Segundo as últimas estatísticas, existem mais de cem mil cães em Viena, a maior parte constituída por verdadeiros molossos os quais consomem mais num dia do que cem mil famílias pobres em uma semana. Os partidários adversos dos cães sugeriram ao governo que eles devem pagar os mais pesados impostos.

Em suma, na capital austríaca, por causa dos cães, morderem-se dois grandes partidos efervescentes, perigando a paz social com uma eclosão revolucionária. Em Portugal, ao invés, são os banqueiros que ocupam o lugar dos cães e para que eles não paguem impostos e vivam faustosamente, morderem-se os partidos políticos, as autoridades policiais e as administrações dos jornais que fazem campanhas patrióticas. Como se está vendo agora...

UMA VITÓRIA DOS FERROVIÁRIOS DE QUEENSLAND

Após uma semana de greve, os ferroviários de Queensland conseguiram que lhes voltassem a pagar os 5%, que lhes tinham reduzido nos salários.

Dirigiram primeiro as suas reclamações ao governo trabalhista do Estado, mas este não os atendeu.

Bastou porém que abandonassem todos os 18.000 homens aproximadamente — o trabalho, para que no fim duma semana dessem satisfação as suas justas reclamações.

Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foi pensado, recolhendo depois à enfermaria de Santo António, do hospital de São José, Daniel dos Santos, de 65 anos, pintor, natural de Lisboa, e residente na rua da Guia, 6, 3.º, que, no largo do Conde Barão, foi atropelado por uma motocicleta, ficando com uma perna fracturada.

—No Banco do hospital de São José, receberam curativo e seguiram para casa: Abel Pardelhas, de 14 anos, natural da Galiza, morador na rua Nova do Carmo, 112, que, na mesma rua, foi atropelado pelo automóvel S. 9283, ficando ferido no rosto e Elísio da Silva, de 54 anos, natural de Loures, empregado no comércio, morador na rua Rosa Araújo, 29, que, na rua do Amparo, foi atropelado por um automóvel, ficando com várias contusões nas pernas.

—A enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, recolheu Virginia Trindade Camacho, de 13 anos, natural dos Olivais e residente na estrada de Sacavém, 94, cave, D, que ali caiu por uma escada, fracturando uma perna.

—Na enfermaria de Santo António deu entrada José dos Santos Aires, de 46 anos, trabalhador, natural de Lisboa e morador na rua Ocidental do Campo Grande, 59, que caiu na Charneca, ficando contuso pelo corpo.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

—No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, seralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1.º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

O Banco de Angola e Metrópole tinha em preparação 100.000 contos em notas de 1000 escudos

O caso do Banco Angola e Metrópole continua sendo fértil em surpresas, não tanto pelo que tem sido dado ao conhecimento do público, mas pelo que se oculta e adivinha através de toda a espécie de gafes que se têm praticado.

Chegou-se a considerar maluco um juiz só porque ele prendeu o governador e vice-governador do Banco de Portugal — do Banco que encomendou as notas que a princípio se disse serem falsas e afinal eram tão verdadeiras que foram trocadas por outras. O sr. Inocêncio Camacho — é curioso, ele chamar-se Inocêncio — a final ainda não tem a sua inocência demonstrada, pela simples razão de que não foi acarreado mas sim apresentado a Alves dos Reis. Esta apresentação é um pouquinho ridícula, dando a ideia não de que se trata de um caso de burla que é mister averiguar-se mas sim duma maneira de estreitar relações entre pessoas que já deviam ser conhecidas e que afinal, talvez por falta de tempo, não se conheciam. Um governador do Banco de Portugal tem tanto que fazer...

Um jornal da manhã, mau grado sua orientação inimiga de grandes negócios e de grandes banqueiros, noticia o caso do Angola e Metrópole com a mesma indiferença como se se tratasse dum caso ocorrido na vaga república de Guatemala. Ultimamente, comoveu-se todo pela campanha que se tem feito contra Nuno Simões que fez uma fortuna à custa de transacções, devido à sua influência política e ao apoio escandaloso que lhe dão outros políticos tão amigos de riquezas mal adquiridas como ele é. É como quer que o pai do Nuno tenha morrido, o mesmo jornal insinua que foi a campanha contra o filho que o levou para a cova, senão nunca teria falecido, pois parece que ele devia durar até ao ano 3000. Isto é que é sentimentalismo!

Porque não pede o mesmo jornal que não ataquem os restantes implicados no Banco de Angola? Esses têm pessoas de família. Ou serão filhos das ervas? É certo que o jornal em questão também se esfalta por lhes poupar desgostos. Mas isso não é tudo. Devia também pedir aos jornais para se calarem, não vá o pai de alguns deles morrer com hidropisia ou com qualquer outra doença nos intestinos.

Sua excelência o sr. José dos Santos Bandeira sabendo que o círculo das considerações oficiais em que vive depois que se apurou ser um dos principais dirigentes do Angola vai rareando, insistiu há dias para falar ao sr. Domingos Pereira, chefe do governo visto que só a ele faria declarações! O chefe do governo acedeu gentilmente, mas o sr. Bandeira que queria falar-lhe ao ouvido arrendeu-se e teve esta tirada patética depois de ter chorado convulsivamente:

—Não. Eir não devo dizer nada. Compreendo a hesitação dos senhores. Sou um acusado. Mas sou, mais do que isso, um português. E, por essa condição, me devo calar para não prejudicar o crédito da minha pátria. Calar-me-hei.

Que é isso, leitor? Também tu tens lágrimas nos olhos? ...

O sr. Barros Queiroz, nacionalista, recusou-se a aceitar o convite do governo para ir ocupar o lugar do antigo unionista Inocêncio Camacho. Em face disso o sr. Inocêncio Camacho fica no Banco de Portugal, exactamente numa altura em que se dizia que ele ia ficar no banco dos réus.

É claro que quem isso supôs não passa duma pessoa excessivamente crédula. Há gente que acredita nas maiores enormidades!

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que eles falsificaram.

Cruz Vermelha

Será hoje toda a cidade percorrida por grupos de senhoras que pedirão donativos para a Cruz Vermelha.

Por não ter sido possível efectuar em tempo competente a Festa da Flor, mas não podendo a Cruz Vermelha dispensar o auxílio do público para não interromper a sua actividade em benefício dos que sofrem, conseguiu que uma comissão de senhoras organizasse grupos com o referido fim de acudir à mesma instituição.

Todas as importâncias que essas senhoras receberem serão devidamente registadas e em sua troca será entregue um recibo que ficará em poder da pessoa que concorrer para esta subscrição.

Bem merece a Cruz Vermelha que a população de Lisboa e de muitas terras da província a continue a auxiliar pois que sem esse auxílio ela não existiria. Não tendo qualquer subsídio do Estado e vivendo apenas das quotas dos seus sócios e dos donativos particulares, a Cruz Vermelha é hoje uma instituição indispensável que dia a dia e hora a hora faz sentir a sua acção, tratando vítimas de desastres nos seus postos, transportando para os hospitais e para os postos de socorro todas as pessoas que necessitam e vacinando quem o deseja.

Durante o ano corrente a Cruz Vermelha nos seus postos de socorro de Lisboa efectuou mais de dezoito mil tratamentos e perto de três mil vacinações e nos seus automóveis transportou cinco mil pessoas. Todas as grandes despesas feitas com estes serviços foram cobertas pela generosidade do público que tão bem tem sabido compreender a alta missão desta instituição. É pois de esperar que mais uma vez o público corresponda ao apelo da Cruz Vermelha.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação Homoeopática D. Lopes Monteiro. — Foram eleitos para os corpos gerentes do exercício de 1926, os seguintes consocios: Assembleia geral: Presidente, Germano Noronha Vasconcelos; vice-presidente, Luís Sales Monteiro; 1.º secretário, Alfredo Pinto Coelho; 2.º secretário, Joaquim Lourenço; 1.º vice-secretário, Augusto D. de Sousa; 2.º vice-secretário, Guilherme Maurício. Direcção: Presidente, Filipe José Fernandes; secretário, Alberto Carlos Tavares Monteiro; tesoureiro, Luís Solano de Oliveira; vogais, Francisco José Pereira Alves, Francisco Cândido Mendes Leal, Manuel Alves da Silva e Raúl da Fonseca Simões. Conselho fiscal: Carlos Fernandes Esteves, José Colares Rodrigues de Sousa e Arnaldo Santos Silva.

S. U. Carpinheiros de Branco do Arsenal de Marinha. — Hoje, pelas 17 horas, em assembleia geral, eleição de corpos gerentes.

IMPRENSA

Actualidades.

Em virtude da casa August Ristelhueber, de Hamburgo, não ter enviado ainda o papel que lhe foi encomendado pela revista em heliocromia «Actualidades», informamos de que o primeiro número desta publicação não pode sair no dia 15 como estava determinado, devendo, contudo, sair ainda no corrente mês.

Foto Sport.

Sob a direcção do antigo director de «Os Sports» A. de Campos Júnior, reaparece no dia 18 a revista «Foto Sport» completamente remodelada e feita no género da «Sporting Francese».

«Foto Sport» será bastante ilustrada e com colaboração escolhida. O seu preço será de 1\$50.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

O manifesto de cereais

Por proposta do Conselho do Comércio Agrícola, com o qual concordou o ministro da Agricultura, foi prorrogado o prazo para o manifesto de cereais até ao dia 26 do corrente, devendo os respectivos produtores manifestar as suas disponibilidades no prazo indicado na Bolsa Agrícola ou nas suas delegações, nas secretarias das Câmaras Municipais e Sindicatos Agrícolas.

Uma grandiosa sessão no Sindicato dos Impressores

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, uma sessão de protesto contra as deportações e prisões injustas que a polícia mantém, na qual deverão fazer uso da palavra o nosso camarada de redacção Cristiano Lima, delegados da C. G. T., comissão pro-regresso dos deportados, C. S. T. e outros oradores. Esta sessão é promovida pelo Sindicato dos Impressores Tipográficos, que convida a assistir não só os componentes da referida classe como o operariado em geral.

OS NIBELUNGOS

Transposição cinematográfica das lendas medievais do Reno que inspiraram a TETRALOGIA de Wagner

OSRA PRIMA DA MODERNA CINEMATOGRAFIA ALEMÃ

TODAS AS NOITES

ÀS 9 HORAS NO

A projecção é acompanhada duma selecção de música clássica (Wagner, Mendelssohn, Beethoven, etc.) pela orquestra aumentada com órgão e metais

sob a direcção de NICOLINO MILANO.

Completam o espectáculo uma cine-farça de PAMPLINAS e uma revista de actualidades

TEATRO NACIONAL

HOJE — às 9 1/4 da noite

REPETE-SE O SENSACIONAL DRAMA

A SEVERA

Peça altamente dramática, cheia de aparato e representada com sucesso mais de trezentas vezes

Protagonista Ester Leão

Encenação do professor ANTÓNIO PINHEIRO

O Pacto de Locarno

A conferência de hoje na Universidade Livre

Na impossibilidade do dr. sr. Teodoro Ruysen realizar a sua conferência na Sociedade de Geografia que estava anunciada, por se celebrar naquela colectividade uma sessão do Portugal Maior, resolveu a Liga Internacional Anti-Eslavagista convidar o dr. sr. Teodoro Ruysen a celebrá-la esta noite na sala da Universidade Livre, ficando desta forma convidados a assistir a essa lição todos os que se interessam pelos problemas tratados pela Sociedade das Nações.

A apresentação do conferente será feita pelo dr. sr. Magalhães Lima, e a exposição dos pontos de vista da Liga Internacional Anti-Eslavagista pelo dr. sr. Ramada Curto.

Aquele professor da Universidade de Bordeaux esteve a tarde de ontem no Palácio das Necessidades a visitar o dr. Vasco Borges, ministro dos Negócios Estrangeiros, com quem conferenciou largamente.

AGREMIÇÕES VARIAS

Operários licenciados das Obras do Estado. — A comissão de melhoramentos da Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais, convida os operários licenciados a comparecerem hoje, pelas 14,30, a fim da referida comissão conseguir do Congresso da República a aprovação das verbas para a reabertura das obras.

Pessoal da Bolsa Agrícola. — A comissão delegada do pessoal contratado e assalariado convida este a comparecer na reunião que hoje se realiza pelas 21 horas, na sede da Associação de Classe dos Caixeiros, a fim de tratar de assuntos importantes e inadiáveis.

A Segunda Internacional transferiu-se para a Suíça

Um eco veio atrair, um instante, as atenções do operariado mundial para a muda existência da II Internacional Socialista. Para dar cumprimento à resolução do Congresso Socialista Internacional, o Bureau Executivo acaba de transferir a sede da II Internacional, de Londres para Zurich. Nesta linda cidade, tantas vezes residência de embaixadores, a Internacional Socialista continuará inalteravelmente a sua apagada existência.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rucker. Fogo escrito e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço 1\$50.

O conflito entre a Câmara e a Companhia do Gás

Na sessão de ontem da Câmara Municipal o sr. Beja da Silva em nome da comissão encarregada de solucionar o conflito existente entre a Câmara e a Sociedade Companhia Reunidas Gás e Electricidade, disse que aquela Comissão estava confiada de já nesta sessão apresentar o resultado dos seus trabalhos. Um incidente imprevisto fizera com que ela não tivesse esse prazer.

O incidente fôra um officio chegado na véspera às mãos da Comissão e do qual esta constatou a existência de uma declaração contrária aos interesses morais e materiais do Município e contrária também a uma declaração verbal feita pouco antes por um dos signatários do dito officio. A Comissão continuaria pois a agir cónscia que não perderia o seu tempo.

Os seus trabalhos, concluiu o orador, não seriam prejudicados com o facto da Comissão Executiva, na devida oportunidade, publicar as tarifas da iluminação que devem vigorar no próximo futuro trimestre. A publicação deverá ser feita até ao dia 20 do corrente mês.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

BAIXA DE SALÁRIOS

Pessoal da União Fabril

Reuniu ontem o pessoal da União Fabril a convite do Sindicato Único Metalúrgico, que apreciando a pretensão duma redução de 15%, nos salários pela mesma Empresa resolveu repudiar tal pretensão pelo seguinte documento:

«Proponho que prossiga o protesto do mesmo pessoal, e que este reúna hoje e que sejam publicadas em A Batalha todas as resoluções.»

Foi aditado para que fosse nomeada uma comissão habilitada a responder às propostas da direcção Companhia.

O pessoal volta a reunir hoje, novamente, pelas 21 horas, na sede do Sindicato, rua da Esperança, 122, 2.º para a continuação dos trabalhos encetados.

Pretendendo a C. U. F. reduzir 15% nos salários do seu pessoal, a ela se devem opor todos aqueles que sofrem o jugo despotico da mesma Empresa. É o início de uma guerra à classe que urge obstar por todos meios.

O Sindicato Único Metalúrgico cónscio da sua missão, incita o pessoal a manter-se com energia e lembra a todos os metalúrgicos que os secundem na luta.

Uma prevenção do S. U. de Mobiliário

Constando à comissão de resistência do S. U. Mobiliário que a Marcenaria Moderna pretende admitir pessoal, mas só com o salário de 1930, previne todos os mobiliários que não devem trabalhar naquela ou noutra casa por menos que o salário mínimo estabelecido que é de 22\$00.

A não observância desta prevenção será tida como traição às resoluções deste Sindicato.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Noticias

Já começaram os ensaios para o 2.º concerto Fão que se realizará domingo, no Gimmásio, às 3 horas da tarde. O programa está primorosamente organizado, constando de composições de reputação mundial, que deram fama e glória aos seus autores. Para o Concerto Fão de domingo próximo, no Gimmásio, já estão à venda os bilhetes.

Os últimos desmoronamentos

A comissão administrativa da Secção Profissional dos Pedreiros, reunida em sessão extraordinária no dia 9 do corrente, juntamente com a comissão de defesa profissional, resolveu imputar as responsabilidades dos últimos desmoronamentos à Câmara Municipal por não mandar exercer uma rigorosa fiscalização e não atender em devido tempo às reclamações do Sindicato Único e daquela Secção.



Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola politica ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de



A greve dos ferroviários de Lourenço Marques

As causas que determinaram o movimento — O que diz a imprensa da província — Um gesto simpático mal compreendido pela burguesia — A firmeza dos grevistas e a confiança do Comité da greve

No dia 11 de Novembro, os ferroviários de Lourenço Marques, como fizemos referência, proclamaram a greve geral em todos os serviços da extensa rede ferroviária da província de Moçambique. Dêse grandioso movimento apenas nos chegaram uns pequenos vagidos, ignorando nós, até há pouco, as razões que determinaram o gesto daquela numerosa classe.

Melhor informados agora, podemos dizer aos leitores que a greve teve como causa a publicação duma nova organização de serviços ferroviários, que denominaram «Reorganização».

As nossas informações foram colhidas nos jornais de Lourenço Marques, chegados há pouco a Lisboa. Para que se faça uma ideia segura das razões aludidas pelos grevistas, vamos transcrever vários trechos de artigos daqueles jornais.

Os perigos da «Reorganização»

Damos a preferência ao semanário *Emancipador* para explicar ao público até onde a «Reorganização» vai ferir os interesses dos ferroviários:

«Um vento de fúria está a abalar a classe ferroviária, nem outra coisa era de esperar dos cérebros doentes dos seus dirigentes, à frente dos quais se destaca o Engenheiro Ruas assistido pela figura interessante e nervosa do *Ignacio Cabral*.

Desconhecedores dos serviços ferroviários, as autoridades coloniais, adquiridos nesta derrocada de direitos adquiridos, cobertos pela lei, que ainda resvala determinadas vontades, mas que aplicadas com reserva mental, como o são, esbarra na realidade inútil. Ou não se estivessemos a 7.000 milhas da Metrópole, nesta santa terra onde o calor do manto sobe à cabeça de tanta nulidade, e onde o telégrafo funciona pela vontade das conveniências.

Não se dirá que de há meses a esta parte os ferroviários não têm deixado trabalhar em sossego os câbulos, na esperança que lhes entrasse no cérebro um raio de luz, e sofrendo reduções e más criações, injustiças e ataques de estupidez, com aquela resignação do mártir Sebastião, sem ao menos ter aquela fraze consagrada de quando o povo dizia morra, o santo dizia...

Agora o que deixamos demonstrado têm os ferroviários no lombo novas disposições disciplinares, como as sabem fazer as almas liberais da idade média com a atenuante porém de que o meio tem sido muita vez a causa da absolvição de criminosos, e s. ex.ª têm medo dos seus actos. O pessoal assalariado ficou também sem qualquer «cobertura» no caso de doença comprovada, e até a regalia há pouco concedida de hospitalização se foi em *humanitárias criaturas*, o quadro que servia pelo menos de uma garantia para os aprendizes desapareceu — ou desapareceu no futuro, e o pessoal posto ao abrigo da lei de 14 de Junho de 1913, fica como que arreataado às conveniências, e tudo isto apenas com o fundamento de economia, quando um médico distinto nos diz que todo este barulho se faz para uma economia de £ 800, quando há quem gaste £ 600 num só dia, com a espera de um pacote. Além do quadro, o pessoal de oficinas perde o sábado de tarde, e o pessoal de tracção deve vir com atenção às disposições do capítulo VI; este capítulo interessa igualmente ao pessoal de Trens, Guindastes e Electricidade, Movimento, etc.

Camaradas: tal reorganização além de ilegal e imoral, afronta a dignidade de homens livres e as leis ficam a perder de vista com o espírito inventivo dos torquedados modernos. A sua dureza não se encontra toda no «Boletim Oficial», há de aparecer nos regulamentos complementares, nas «desordens» de serviço. Ai, ai, ferroviários, e que virá esvervando o país das consciências dos câbulos, o ódio torvo à clareza, e tudo isto se faz contrariamente ao que manda a lei, quando não tarda muito tempo que o Caminho de Ferro não esteja a braços com falta de pessoal, como já existe em muitas secções. Como se o próximo verão não se encarregue de diminuir parte do pessoal, especialmente tracção!

Ficai sabendo senhores, não há pessoal a mais, o que há a mais são nulidades, incompetências, e torquedadas que embarcam quem quer trabalhar, e que por sua vez não trabalham porque não sabem.

Ainda do mesmo *Emancipador*, mas dum suplemento que editou, respigamos a este significativo trecho:

«O que os dirigentes não emendaram foi a *tranquilidade* organizada para evitar de pagar horas ao pessoal, não só da Tracção, mas também ao do Movimento, Trens, Manobras, Electricidade e Guindastes.

Que o pessoal veja bem a artimanha contida na divisão de tempo, na forma como a reorganização estabelece o tempo de serviço de repouso e descanso.

Tudo este pessoal está de serviço, e está em descanso ou repouso ao mesmo tempo, e desta forma consegue o sr. Ruas ter pessoal sempre pronto para o serviço sem lhe pagar.

O pessoal destes serviços pode estar empastado no serviço dos C. F. L. M. 10, 12 e mais horas sem contudo lhe marcarmos mais de 48 horas, com a agravante de lhe estabelecerem 96 horas de serviço em duas semanas, quanto até aqui tinham 48 por semana.

Os leigos não de rir-se, dizendo ser a mesma coisa, mas o pessoal ferroviário sabe bem o quanto esta artimanha é prejudicial, pois que é uma autêntica ratoeira para apanhar as horas extraordinárias que o serviço obriga o pessoal a fazer.

Como foi votada a greve

É o *Emancipador* que nos explica como foi votada a greve:

«Em suplemento ao *Emancipador* da semana passada foi exposta mais uma vez a situação dos ferroviários perante a reorganização dos C. F. L. M. e convocada a classe a reunir em sessão magna na passada terça-feira pelas 19 e meia horas.

Foi uma assembleia imponentíssima a que assistiram mais de 500 ferroviários encontrando-se inscritos no livro de presenças e várias folhas espalhadas anexas quasi que esse numero.

A DEMOCRACIA E A CLASSE OPERARIA

Nos grandes momentos de crise, momentos «excepcionais», deixará de ser conveniente a revisão de todos os princípios ideológicos?

Atravessamos um momento deveras difícil. Pode mesmo considerar-se, não sei se justamente, um momento excepcional. Serão excepcionais no regime burguês e capitalista as crises, a reacção, o imperialismo? Será menos excepcional o período do pacifismo social, como o que observamos actualmente em que é também de desequilíbrio, de exasperação autoritária, de imposição violenta?

Admitamos, porém, que o nosso momento seja excepcional. E usemos de uma linguagem que está em moda para inquirir: Durante os momentos excepcionais, as ideias deverão ter uma *moratória* ou uma *inflação*? Subentenda-se nesta minha pergunta que me refiro às nossas ideias, que constituem um problema de capital importância.

A moeda está sujeita às necessidades da inflação, segundo a metáfora do nosso tempo, e quando a inflação não está garantida por uma equivalência em ouro, ela representa um abuso de circulação fiduciária. Então, funciona a estampania, fazendo a diluição do prestígio do estado, que se torna moedeiro falso. Eis o que igualmente se dá com as ideias, que também podem sofrer inflações de moratória, de revisionismos, de substituições nas épocas de crise excepcional.

E' o momento em que as velhas ideologias representam uma inflação, um arbitrio, uma insensatez, uma doutrina, como dizia Proudhon, designando o empirismo dos doutrinários que fazem abstrações das consequências da acção.

E' nos momentos de grande crise que se revêem as doutrinas

Surgem agora os *revisores*, os rectificadores, os inovadores. A velha moeda ideológica, na pitoresca fraseologia do nosso tempo, acaba por ser retirada da circulação, pelo menos, por muitos daqueles que lhe davam crédito, para ser substituída por uma nova moeda *valor-ouro*. O ouro é constituído neste caso pela realidade do facto, que emerge na luta social, de o ouro da excepção tornar possível que se regule experimentalmente os limites da capacidade progressiva ou reacção da instituição, de classe, de subclasse, de órgãos subsidiários da engrenagem do Estado.

Através dum processo contínuo de revisão, naquele sentido, chega-se ao *socialismo* ou ao anarquismo da Primeira Internacional. Notemos que as inovações formadas da essência ideológica do anarquismo encontram os seus melhores intérpretes naqueles momentos que se convencionou chamar *excepcionais*, os momentos de reacção, de crise... de fascismo.

Foi depois de se consumir a revolução de 1848 que o republicano socialista Proudhon lança primeiramente a ardentíssima heresia de um anarquismo em face de uma democracia traída da Revolução e, também, dela própria, e cúmplice da reacção que atenta contra o esforço do proletariado.

Foi depois da Comuna, e como resultante da sua própria experiência, que Bakunine concentrou todas as suas faculdades de crítica e de condenação para a ideia de um Estado refugiando-se na derradeira ideologia da vanguarda.

Foi no período da eclosão revolucionária da Democracia em toda a Europa e do pleno triunfo da força e da galé, e não do sentido metafórico, que Piscane em Itália escreveu que os filósofos na Revolução lançaram o germe de todas as envenenagens que têm sido atribuídas ao *gênio inventivo* de Carlos Marx. E foi no mesmo período que os filósofos fizeram a mais esplêndida antecipação dos pensamentos libertários. Se não é o movimento que se inicia nos momentos excepcionais, são as ideias que se refinam, se solidificam, que se seleccionam.

A descrença do proletariado na burguesia radical

As nossas ideias são, portanto, fruto de revisões. De revisões feitas por pensadores, que eram *homens de acção no seu tempo*, experimentando na sua acção a insuficiência das ideias avançadas do seu tempo e a necessidade de fazer a guerra contra essa insuficiência, que não podiam ser causa de trações de impotência em favor da força sinistra da reacção.

Não acreditamos que a insuficiência apontada indique melhor adaptação, que não seria só de *quantidade* como de *qualidade* teóricas, da qual viria uma diversa direcção e profundidade da luta relativa e consequente.

vosso Comité, que vos informará, concientemente das várias fases da questão, sejam em favor ou contra nós. São estas informações que devem tomar por verdadeiras, porque são desinteressadas e isentas de paixões, mas ditadas pela razão forte da vossa confiança.

Assim, as informações que temos obrigados a dizer-vos que as entidades superiores têm sido correctas para com todos nós, e estamos convencidos que o continuaremos sendo, porque o nosso movimento é ordeiro e justificado pela brutalidade da medida que nos amarfalha como entes abjectos e vis.

Camaradas! Se alguma coisa precisa ser reorganizada e regulada, é a desorganização do mando, a indisciplina dos de cima, se alguma coisa há a cortar, é de cima para baixo, porque quem ganha £ 150 por mês e distribui benesses aos apangados, não tem autoridade nem força, para cortar quem ganha entre 20 e 30 libras; quem cria lugares chorudos e cómodos, como paga de certo tráfico indecoroso que possivelmente trataremos breve.

Não deveis, pois, camaradas, dar ouvidos a péssimas informações nem cometer excessos de energia, nem receios de fraqueza, e sendo certo que nem sempre certa imprensa é justa nas suas apreciações, vós, que tendes a vossa, é só a ela que deveis dar crédito.

A greve prossegue

As últimas notícias chegadas a Lisboa dizem-nos o seguinte: «Continua sem solução a greve ferroviária...»

Após a greve corticeira

A atitude indigna de alguns industriais
Alguns industriais, após a finalização da greve corticeira, entenderam que haviam de brincar com o pão dos seus operários. O acordo firmado para a terminação da greve declarava uma forma bem explícita que não seriam exercidas represálias.

O industrial Gameiro, de Alhos Vedros, não o entendeu assim e faltou cenicamente à sua palavra comprometida despedindo 23 dos 26 quadros de rolas que readmitia ao seu serviço, alegando que os readmitiria quando tivesse trabalho para lhes dar. O Gameiro é usreiro e veseiro nestes «trucs», pois já várias vezes tem despedido seus operários para admitir pessoas novas. Supôs que os corticeiros cansados do esforço que fizeram durante o tempo em que se encontraram em greve, não tinham forças, nem energia para reagir. Enganou-se. O pessoal da fábrica abandonou imediatamente o trabalho, recusando-se a retomá-lo sem que lhe readmita os operários que iniquamente despediu.

O Sindicato dos Corticeiros de Alhos Vedros apela para todos os componentes da classe a fim-de que ninguém vá trabalhar para aquela fábrica sem que o conflito lá existente tenha terminado.

Também o Sindicato dos Corticeiros do Barreiro faz um apelo idêntico devido à gerência da fábrica alemã do Lavradio ter pretendido baixar 300 no salário das mulheres. O pessoal da fábrica em face disso abandonou o trabalho.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Associação dos Carpinteiros Civis

Realizou-se no passado domingo, conforme noticiámos, a sessão solene comemorativa do aniversário da Associação dos Carpinteiros Civis, que esteve largamente concorrida. Presidiu Alberto Dias, secretário Guilherme Cipriano e Francisco António Fernando.

Depois de fazer uso da palavra o delegado da Federação dos Operários da Indústria de Calçado, Curos e Peles, camarada Jerónimo de Sousa, que saudou a classe em festa, foi descerrado os retratos dos falecidos consócios Gualdino Rosa e Francisco Aparício, pelos camaradas Eliseu Correia Gomes e João Alberto, e inaugurada a nova bandeira da Secção dos Carpinteiros Civis.

Em seguida usaram da palavra, enaltecendo os relevantes serviços prestados à classe dos carpinteiros pela secção profissional, os camaradas Daniel Ferreira, pelo S. U. da Construção Civil; Artur dos Santos, pela secção profissional dos canteiros; João Caldeira, pela secção profissional dos pedreiros; e José Esteves pelo grupo dramático Solidariedade Operária.

Falou em último lugar o nosso camarada Santos Arranha, que durante meia hora prendeu a assistência com uma interessante exposição sobre sindicalismo, defendendo com copiosa argumentação a superioridade das suas táticas e dos seus meios de luta, que compara com as táticas e os meios de luta dos partidos políticos. Foi muito aplaudido no final.

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

Convoco os sócios a reunir em assembleia geral, continuada da sessão anterior, com a mesma ordem de trabalhos, hoje pelas 20 horas, na Travessa da Agua de Flor, 16, 1.ª Lisboa, 16 de Dezembro de 1925.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Maria Marques de Oliveira

Caixa Geral de Depósitos

Pedem-nos a publicação do seguinte: «Não é exacto que a Caixa Geral de Depósitos tenha feito a qualquer dos governos das províncias de Angola ou de Moçambique, o empréstimo a que alguns jornais se referiram nos últimos dias».

Ecoss da greve corticeira

CABEÇO DE VIDE, 14.—Realizou-se na Associação dos Trabalhadores Rurais uma sessão pública para ser apreciada a greve dos operários corticeiros e a solidariedade a prestar aos valorosos grevistas. Fizera uso da palavra, combatendo acicamente a obra do industrialismo corticeiro, os camaradas Júlio Manuel Madeira, António Júlio Lé, Diogo das Neves e Francisco António Madeira. Por último foi resolvido prestar todo o auxílio moral e material aos grevistas, sendo aberta uma queta que rendeu 15\$50, juntos a 9\$50 que saíram do cofre, prefaz a quantia de 25\$00 que devem ser entregues aos grevistas.—E.

Secção dos Corticeiros de Sines

SINES, 14.—Reuniram em assembleia os operários corticeiros. Foi lido um officio da Federação Corticeira no qual se explica as condições em que foi solucionada a greve da classe.

A assembleia aceitou como boas as explicações da Federação, aprovando ainda uma moção no sentido de não permitir que nenhum corticeiro possa trabalhar sem ser sócio.—E.

Associação dos Corticeiros do Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 14.—Reuniram os operários corticeiros para apreciarem as bases da solução da greve. Na sessão falaram diversos camaradas que salientaram a acção da Federação Corticeira, pela forma acertada como orientou a greve. Foi aprovada uma proposta ratificando toda a confiança na Federação Corticeira.—E.

Associação dos Corticeiros de Silves

SILVES, 13.—A classe corticeira reuniu catou a resolução da Federação Corticeira sobre a greve. Os corticeiros retomaram hoje o trabalho.

Associação dos Corticeiros de Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 13.—Na Associação dos Corticeiros reuniram estes em assembleia, resolvendo saudar todas as classes que prestaram solidariedade aos corticeiros enquanto durou a greve.—E.

Lêr a revista gráfica RENOVACAO

Vida Sindical

C. G. T.

Comissão Administrativa
Reúne hoje, às 21 horas.

C. S. T.

Conselho de Delegados

Para apreciar assuntos de excepção importância que dizem respeito aos deportados da Guiné e Cabo Verde e presos que se encontram nas esquadras, reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho, ficando responsabilizados nas resoluções tomadas os sindicatos cujos delegados faltem.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro, do Jornale Similares.—Reuniu o secretariado resolvendo convidar os organismos aderentes de todo o país, a enviarem telegramas ou officios de protesto contra as deportações e prisões iníquas, ao presidente da Câmara dos Deputados, no dia em que se realizar a manifestação promovida pela Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa. Ocupou-se de vários trabalhos do congresso, tomando várias deliberações a fim-de diligenciar pô-los em prática. Resolveu ainda que os delegados à C. G. T. comuniquem em todas as reuniões do conselho confederal os assuntos que sejam tratados em reunião do conselho confederal, tendo-se ocupado ainda dos trabalhos a apresentar à reunião do conselho que hoje se realiza.

S. U. do Mobiliário.—A comissão de resistência previne a comissão de vigilância do Bairro Alto que a partir de hoje não deve descurar a vigilância da casa Torres Caldeiras, na Rua das Gáveas.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos Estudantes.—A comissão administrativa desta secção tomou conhecimento de que os pintores ao serviço do empreiteiro João de Oliveira estão a fazer trabalhos que pertencem aos estudantes, quando muitos destes camaradas não têm onde empregar a sua actividade.

Reuniu no dia 11, nomeando uma comissão revisora de contas do ano de 1924 e uma outra para, juntamente com os delegados da Bolsa, tratar da crise de trabalho.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil.—Pelas 20 horas o Conselho Federal.

—Pelas 21 horas, a Comissão Administrativa.

Sindicato do Pessoal de Câmaras.—Pelas 18 horas, em assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Nomeação da Comissão Revisora de Contas;

2.ª Aprovação dum novo regulamento para bordo;

3.ª Apreciação duma proposta apresentada pela Comissão Administrativa, referente à secção de dispenseiros.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—Extraordinariamente, a comissão administrativa com os delegados à Federação Marítima para tratar da crise de trabalho.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 20 horas, reúne a comissão administrativa.

—Pelas 20 horas, em assembleia geral para continuação dos trabalhos pendentes da última reunião.

Secção dos Carpinteiros.—Pelas 20 horas, em assembleia geral, para apresentação das contas pró bandeira, nomeação dos novos corpos gerentes para 1926, delegados ao Tribunal dos Arbitros Avindores e Accidentes do Trabalho.

S. U. do Mobiliário.—A's 20,30 horas, a comissão de resistência com a companhia da pessoal da casa Serafim & Machado.

DIAS PRÓXIMOS:

S. U. do Mobiliário.—Reúne amanhã a comissão administrativa para assunto inadiável.

Comissão Mista do Alto do Pina.—Pelas 20, amanhã com companhia do secretário administrativo da Secção Metalúrgica. A esta reunião assiste um delegado da C. G. T.

S. U. C. C.—Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, amanhã para assunto urgente.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Rurais de Benavila.—Reuniu a assembleia geral para apreciar a circular da C. G. T. referente à solidariedade a prestar às classes em luta contra a baixa de salários, tendo resolvido auxiliar com 15\$00 os corticeiros e 5\$00 as chaceirinhas de Aldegaçes. Também foram votadas duas moções uma de apoio às classes em greve e de protesto contra os industriais e outra de protesto contra as violências dos poderes constituidos sobre trabalhadores conscientes, especialmente por delito de opinião.

Para continuação de trabalhos voltou a reunir a assembleia no dia 12.

Associação dos Rurais de Cabeço de Vide.—Foram eleitos para os corpos gerentes de 1926 os seguintes camaradas: Presidente, António Quintino; secretários, Joaquim Mendes Calado e Manuel Joaquim da Trindade Gaió; tesoureiro, António João Maridhalgo; vogal, Joaquim António Trigueiro; suplentes, Pedro Martins Sardinha; Manuel Velez Fontainhas, Libano José Dinis, Joaquim Gaudêncio e José Simões Madeira. Conselho Fiscal, Francisco António Madeira, Romão Malaquias e José Simões.

Foi resolvido realizar no dia 25 um comício contra a crise de trabalho.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Comissão Organizadora do II Congresso Nacional.—Reúne amanhã, pelas 21 horas.

Núcleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reúne amanhã, pelas 20,30 horas.

Comissão de Educação e Propaganda.—Reúne amanhã, pelas 20 horas, com um delegado de cada secção.

Comissão Reorganizadora da Secção do Alto do Pina.—Reúne hoje, pelas 20 horas.

Secção do Mobiliário.—A fim de apreciar a forma de reorganizar esta secção juvenil, reúne amanhã, pelas 21 horas, na sede do S. U. do Mobiliário, todos os jovens desta indústria e mais camaradas simpatizantes.